

---

## **FERDINAND EBNER: FILÓSOFO-TEÓLOGO DA PALAVRA**

**(Ferdinand Ebner: Philosopher-Theologian of the Word)**

*Luiz Carlos Sureki SJ \**

**RESUMO:** O pensamento de Ferdinand Ebner (1882-1931) se caracteriza pela busca da dimensão propriamente espiritual do existir humano. O ponto de partida de tal busca pelo espiritual encontra-se na realidade de sua própria vida açotada pela enfermidade e na filosofia dos inícios do século XX, que vagueia entre os destroços do idealismo, por um lado, e a emergência do pensamento existencialista, por outro. Junto desses fatores encontra-se ainda a catástrofe provocada pela Primeira Guerra Mundial e, de modo particularmente decisivo, a fé cristã. O auge de sua busca caracteriza-se pela volta à fonte da fé cristã entendida como Palavra criadora de Deus, como pneumatologia, diálogo originário. A consequência disso será então a valorização das relações *personais* frente à tendência de se conceber um Eu fechado sobre si mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pensamento Dialógico, Palavra, Relação Eu-Tu, Pneumatologia, Jesus Cristo.

**ABSTRACT:** The thought of Ferdinand Ebner (1882-1931) is characterized by the pursuit of the truly spiritual dimension of the human existence. The starting point of his search for meaning is the reality of his own life marked by illness and the philosophy of the early twentieth century that oscillates between the crash of idealism on the one hand, and the exaltation of existentialism on the other. In addition to these factors is the experience provoked by the catastrophe of World War I and, in a particularly decisive manner, the Christian faith. The peak of his search is characterized by a return to the source of Christian faith, understood as the creative Word of God, as pneumatology, original dialogue. The consequence of this will be the enhancement of personal relationships in contrast to the general tendency of an Ego totally closed in itself.

**KEY-WORDS:** Dialogical Thought, Word, Relationship I-You, Pneumatology, Jesus Christ.

---

\* Universität Leopold-Franz (Innsbruck, ÁUSTRIA). Artigo submetido a avaliação no dia 29/11/2010 e aprovado para publicação no dia 10/12/2010.

## 1. O Pensamento Dialógico e seus principais representantes<sup>1</sup>

Sob a designação “Pensamento Dialógico”<sup>2</sup>, também comumente referido como “Personalismo Dialógico”, compreende-se o movimento filosófico surgido nas primeiras décadas do século XX que inspirou obras relevantes e suscitou novo interesse na busca e aprofundamento da compreensão da dimensão pessoal, existencial e espiritual do ser humano na sua interatividade *dialógica* entre si, com Deus e com o mundo.

Apesar de encontrarmos atualmente à disposição algumas traduções no idioma espanhol de obras importantes dos representantes do Pensamento Dialógico, como “La estrella de la Redención” de Franz Rosenzweig (1886-1929), “Yo y Tu” de Martin Buber (1878-1965), “La Palabra y las Realidades Espirituales” de Ferdinand Ebner (1882-1931), entre outros, percebe-se, no entanto, que nos nossos centros acadêmicos latino-americanos de filosofia e teologia pouco contato e afinidade se tem com tais pensadores e com a problemática por eles abordada. O filósofo lituano judeu Emmanuel Lévinas (1906-1995) é provavelmente o representante mais recente dessa corrente filosófica que, atualmente, é mais citado, pesquisado e razoavelmente conhecido na América Latina, apesar de termos tão pouco, ou nenhum contato com a obra do filósofo alemão, também judeu, Franz Rosenzweig, o autor que mais influência exerceu sobre o pensamento levinasiano<sup>3</sup>.

À guisa de introdução diremos apenas que esses autores dedicaram singular atenção àquelas realidades que se constituem na tensão *vivente*, que *passam e perpassam* os seres pessoais quando eles se relacionam entre si e com Deus. A característica principal das relações humano-pessoais é a de que elas não se deixam determinar ao modo de objeto, não somente porque não podem ser situadas e representadas no espaço, mas também porque são realidades de natureza dinâmica, instável, flexível e, por isso mesmo, causam uma sensação de obscuridade, labilidade e imprecisão quando vistas sob uma perspectiva objetivista ou objetivante, distanciada do *sujeito*.

<sup>1</sup> O presente artigo constitui parte da investigação e reflexão teológica do autor surgida no processo de pesquisa e elaboração da dissertação doutoral, ainda em curso, junto à Universität Leopold-Franz, Innsbruck, Áustria. Como as obras de Ferdinand Ebner não foram traduzidas para o português, as citações são tomadas do original alemão, de modo que as inevitáveis traduções e interpretação de conceitos e títulos das mesmas são de responsabilidade do autor.

<sup>2</sup> Excelente introdução ao Pensamento Dialógico é o livro: B. CASPER, *Das Dialogische Denken*: Franz Rosenzweig, Ferdinand Ebner und Martin Buber, Freiburg / München: Karl Alber GmbH, 2002.

<sup>3</sup> O próprio Lévinas afirmara que a presença de Franz Rosenzweig em suas obras é “demasiado frequente para ser citado”. Cf. U. VÁZQUEZ, *El discurso sobre Dios en la obra de E. Lévinas*, Madrid: UPCM, 1982, p. 105.

A filosofia dialógica se caracteriza em geral pela revalorização da *relacionalidade*, do acontecimento do *encontro* e a vinculação deste ao *amor* e à *palavra*, e pelo descobrimento dessa *interação* como fundadora de novas realidades e criadora de sentido para o existir humano na liberdade que lhe é própria. Diálogo implica a liberdade de uma pessoa dirigir a palavra à outra. E é a palavra, por sua vez, que cria *relação*, insere a pessoa na relação e abre a possibilidade da compreensão dessa mesma realidade relacional como constitutiva do “ser pessoa humana”. Deste modo, os conceitos mais importantes do Personalismo são liberdade, palavra e relação<sup>4</sup>.

Notável fecundidade encontra o Pensamento Dialógico no campo da teologia. Conceitos centrais da teologia como fé, esperança, amor, palavra, promessa, salvação, revelação, entre outros, são conceitos relacionais, à luz dos quais o ser humano religioso procura compreender-se e dar sentido à sua vida. Contudo, o pressuposto fundamental dessa busca de autocompreensão e de sentido, pelo viés da religião, continua sendo o da *relação* com Deus, como Pessoa, pois não há fé, sem *alguém* que creia em *alguém*, não há amor, sem *alguém* que ame *alguém*, não há palavra, se não há quem fale e quem ouça, e assim por diante. Fora da relação pessoal com Deus, não há conhecimento *de* Deus, mas tão somente ideias *sobre* Deus, especulações, projeções<sup>5</sup>. E é justamente esse caráter performativo que distingue a teologia de outras ciências da religião.

É por isso que os filósofos fundadores do Personalismo Dialógico entenderam a relação autêntica, original e verdadeiramente espiritual como *relação eu-tu*. Com efeito, somente o Tu designa uma relação *pessoal* sujeito-sujeito. Fora da relação entre primeira e segunda *pessoa* não há vida *vivida* propriamente dita<sup>6</sup>, não há autoconsciência do [meu próprio] viver enquanto contínuo acontecer. Não há autoconsciência do Eu como Eu sem o Tu como pressuposto, pois a palavra que me possibilita ser-consciente (Bewusst-Sein, não simplesmente Bewusstsein) somente existe no “espaço” da relação, no “entre” Eu e Tu<sup>7</sup>. O “Ele” não fala de si próprio como Ele, pois quem pronuncia a palavra é sempre um Eu. Entre Eu e Ele não há diálogo. A terceira pessoa do singular não pode, portanto, ser pressuposto da minha autoconsciência de ser-vivente, porque ele/ela já é uma objetivação minha, na medida em que sou Eu quem digo “ele/ela é”.

<sup>4</sup> Cf. B. LANGEMEYER, *Der dialogische Personalismus*, Paderbon: Bonifacius-Druckerei, 1963, p. 9.

<sup>5</sup> “Wir reden von Gottes Allmacht, Allwissenheit usw. als ob damit auch wirklich etwas von Gott gesagt wäre”. In F. EBNER, *Schriften I: Fragmente, Aufsätze, Aphorismen*. Zu einer Pneumatologie des Wortes, München: Kösel, 1963, p. 911.

<sup>6</sup> Cf. F. EBNER, *Ethik und Leben: Fragmente einer Metaphysik der individuellen Existenz* (obra não publicada, escrita em 1914), „Brenner-Archiv“ der Universität Innsbruck, p. 12.

<sup>7</sup> “Die Existenz des Dus hat nicht die des Ichs, sondern umgekehrt, diese jene zur Voraussetzung”. In EBNER, *Schriften I*, p. 109.

Com raras exceções, como é o caso da língua portuguesa que utiliza na liturgia o pronome mais formal “Vós” para dirigir-se a Deus, outros idiomas empregam “Tu”. A linguagem litúrgica nos faz perceber claramente o que assinalamos acima. Se nos dirigíssemos a Deus na terceira pessoa, estaríamos sempre pronunciando algo *sobre* Ele, mas nunca falando *com* Ele. Somente Tu designa a *pessoa* a quem dirigimos a palavra, pedindo, suplicando, agradecendo, louvando, em estreita relação existencial<sup>8</sup>. Ebner dirá que Eu e Tu não são meramente pronomes. O Eu é por excelência o nominativo originário (Urnominativ) e o Tu, o vocativo originário (Urvokativ)<sup>9</sup>.

O presente escrito almeja apresentar ao leitor cristão latino-americano algumas contribuições do praticamente desconhecido filósofo austríaco Ferdinand Ebner para a reflexão teológica. Dada a sintonia de Ebner com a fé cristã e com os desafios da vivência concreta dessa fé, especialmente em situações em que o ser humano é acometido pelo sofrimento, pelas enfermidades, pelas incompreensões, acreditamos ser oportuna uma apresentação, ainda que muito sucinta, desse instigante pensador que encontra no Deus da experiência bíblica o Tu por excelência de sua vida e pleno sentido de sua existência.

Após apresentarmos os principais traços biográficos desse autor e nos situarmos nos três períodos (poético, metafísico e pneumatológico) de sua vida, onde respectivamente nascem suas intuições fundamentais, nos deteremos na chamada fase pneumatológica, na qual e para a qual o Prólogo do Evangelho de João ocupa um lugar central. Finalmente, apontaremos algumas implicações de caráter antropológico, teológico e espiritual do pensamento de Ebner que certamente hão de enriquecer nossa própria reflexão teológica e filosófica.

## **2. Vida e Pensamento de Ferdinand Ebner: da poética à pneumatologia**

Ferdinand Ebner<sup>10</sup> nasceu no dia 31 de janeiro de 1882 em Viena (Wiener Neustadt) e faleceu aos 49 anos de idade no dia 17 de outubro de 1931 em Gablitz (Niederösterreich). Oriundo de uma família austríaca cristã tradicional, era o sétimo filho do agricultor Johann Ebner. Quando Ferdinand nasceu, seu pai contava já com 62 anos, e dois de seus irmãos, Susanne e Ferdinand, eram já falecidos (ele recebeu o mesmo nome de seu finado irmão). Os outros irmãos, Anna, Maria, Hans e Josefine eram bem

<sup>8</sup> Cf. F. EBNER, *Schriften II: Notizen, Tagebücher, Lebenserinnerungen*, Herausgegeben von Franz Seyer, München: Kösel, 1963, p. 27.

<sup>9</sup> Cf. EBNER, *Schriften II*, p. 253.

<sup>10</sup> Uma biografia pormenorizada de Ferdinand Ebner encontra-se no site oficial da *Internationale Ferdinand Ebner Gesellschaft*: <http://www.ebner-gesellschaft.org/ueber-ebner/biographie>, acessado em 15/10/2010.

mais velhos que Ferdinand, de modo que ele teve uma infância bastante solitária. Frequentou a escola pública da época e, posteriormente, fez um curso para ser professor de escola pública primária (Volksschullehrer)<sup>11</sup>.

A formação acadêmica do jovem Ebner foi interrompida por longo tempo (entre 1900 e 1902) devido a uma enfermidade pulmonar grave. Aliás, desde sua infância, Ferdinand tinha uma saúde muito frágil e possuía um temperamento marcadamente nervoso. Era acometido frequentemente por fortes dores de cabeça, sofria de insônia e sentia-se esgotado. Confrontado permanentemente com tais limitações, experimentava-se não poucas vezes profundamente deprimido. Como sua precária saúde não lhe permitia amplas leituras, nem um trabalho continuado como escritor, dedicou o tempo que podia à filosofia, com o intuito de buscar e descobrir um sentido do espiritual que pudesse trazer certa plenitude à sua vida quebrantada.

O pensamento de Ebner é caracterizado pela assistemática. Seus escritos são fragmentos, aforismos, pensamentos soltos, notas, breves ensaios e centenas de cartas. A maior parte dos seus *fragmentados* escritos estão contidos em seus diários (Tagebücher). Alguns de seus manuscritos, como “Ethik und Leben – Fragmente einer Metaphysik der individuellen Existenz” (1913/14) e os “Ferdinand Ebners Notizheften” (1914/15) nunca chegaram a ser publicados<sup>12</sup>. Dezenas de cartas<sup>13</sup> escreveu ele a Luise Karpischek, a quem conhecia desde muitos anos e por quem nutria grande amizade e afeto. Luise foi sem dúvida a pessoa mais significativa na vida de Ebner, o concreto “Tu” humano de sua vida. Por meio dessas correspondências compartilhava com ela suas investigações e expressava seus pensamentos.

Inicialmente interessava-lhe sobremaneira a literatura alemã clássica e romântica, bem como as tragédias gregas e outros clássicos da cultura literária francesa, inglesa, russa e escandinava. Seus primeiros escritos são poemas. Um exemplo significativo deste “*período poético*” é o “Golgotha-Gedicht” elaborado por ele por ocasião do falecimento de seu pai em 1903, acontecimento este que foi para Ebner (então com 21 anos) não somente ocasião para refletir criticamente a situação existencial humana, como também para aprofundar-se no universo da fé cristã<sup>14</sup>.

De 1903 a 1913 são os escritos dos filósofos (Platão, Schopenhauer, Kant, Fichte, Feuerbach, Nietzsche, Kierkegaard, Jakob Grimm, Pascal, Bergson) e algumas outras então impactantes publicações do campo da Psicanálise (Freud), que passam a interessar cada vez mais a Ebner. Desse “*período*

<sup>11</sup> Cf. H.G. HÖDL, *Decodierungen der Metaphysik: Eine religionsphilosophische Interpretation von Ferdinand Ebners Denkweg auf der Grundlage unveröffentlichter Manuskripte*, Frankfurt-am-Main: Peter Lang, 1998, p. 20.

<sup>12</sup> Tais manuscritos, assim como todo o legado de Ebner, encontram-se atualmente no “Brenner-Archiv” da Universidade de Innsbruck.

<sup>13</sup> Todas as cartas de Ebner encontram-se publicadas em: F. EBNER, *Schriften III: Briefe*, Herausgegeben von Franz Seyer, München: Kösel, 1965.

<sup>14</sup> Cf. HÖDL, *Decodierungen der Metaphysik*, p. 27.

*filosófico*” é mister assinalar a influência do filósofo francês Henry Bergson no desenvolvimento inicial do pensamento filosófico-existencial de Ebner. Arquitetando sua filosofia a partir do conceito central de “*élan vital*”, Bergson se pronunciava contra uma ideologia mecanicista, materialista, positivista, e ressaltava a liberdade e a consciência. Concebia *Espírito* e *Vida* como origem de todo *ser* e também de toda *matéria*. Esta última interpretava Bergson como *congelamento* do Espírito, o esmorecer do impulso vital. A partir da leitura de Bergson, a reflexão de Ebner lança raízes numa filosofia da vida, numa “metafísica da existência individual”<sup>15</sup>.

Seu péssimo estado de saúde foi a razão que o manteve relativamente distante das batalhas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Muito significativo nesse período de guerra foi o encontro de Ebner com os escritos de Søren Kierkegaard. A leitura desse cristão radical significou para Ebner o retorno à *fé pessoal* e, ao mesmo tempo, um distanciamento do poder eclesial institucional. Os chamados “Fragmente von 1916”<sup>16</sup> representam como que a passagem da metafísica, percebida por ele então como “sonho do espírito”<sup>17</sup>, para o período comumente denominado *pneumatológico*. Nos inícios de 1918 redigia sua mais importante obra, que expressava no subtítulo essa nova fase da sua vida: “Das Wort und die geistigen Realitäten. Pneumatologische Fragmente”, publicada na forma de livro em Innsbruck em 1920. Dito sinteticamente, a fase pneumatológica se caracteriza pela “descoberta” da Palavra como origem de todo Ser/Existir e, portanto, como fundamento do próprio pensar.

Após duas grandes crises que o levaram às portas do suicídio por duas vezes, respectivamente em março e maio de 1923, casou-se em outubro desse mesmo ano com Maria Mizera. Um ano mais tarde, para sua alegria, nasceu seu filho único Walter Ebner. Nos anos seguintes, Ebner publica outros textos. Dentre os mais significativos estão “Die Wirklichkeit Christi”<sup>18</sup> e “Zum Problem der Sprache und des Wortes”<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 29. Ver também: M. SEEKIRCHER, “Ferdinand Ebner”, in R. HÖRMANN / M. SEEKIRCHER (org.), *Ferdinand Ebner: Mühlauer Tagebuch 23.07-28.08.1920*, Wien / Köhl / Weimar: Böhlau, 2001, p. 171.

<sup>16</sup> Trata-se dos “Tagebücher de 1916/17” (diários de Ebner que já contêm vários Fragmentos e Aforismos de caráter explicitamente pneumatológico).

<sup>17</sup> “... Der Geist des Christentums fordert vom Menschen etwas ganz anderes, als vom Geiste zu träumen – und Kultur und Kunst, Philosophie und Metaphysik, das ist ja alles nur ein *Traum vom Geiste* – er fordert das Erwachen des Menschen zu den geistigen Realitäten des Lebens, wie sie durch das Leben und Wort Jesu geoffenbart wurden”. In EBNER, *Schriften II*, p. 370.

<sup>18</sup> F. EBNER, “Die Wirklichkeit Christi”, *Brenner Aufsätze*, X. Folge, Herbst 1926, pp. 3-53. A revista chamada na época de “Der Brenner” tinha sua sede em Innsbruck e foi editada entre os anos 1910 e 1954. Depois tornou-se um instituto de pesquisa da Universidade de Innsbruck e, ao mesmo tempo, arquivo de literatura do Tirol (Tiroler Literaturarchiv) e recebeu o nome “Forschungsinstitut Brenner-Archiv” por esse motivo.

<sup>19</sup> F. EBNER, “Zum Problem der Sprache und des Wortes”, *Brenner Aufsätze*, XII. Folge, Ostern 1928, pp. 3-50.

Em 17 de outubro de 1931, após receber a unção dos enfermos, falece Ferdinand Ebner de tuberculose em Gablitz (próximo a Viena). O legado completo de Ebner encontra-se em Innsbruck no “Forschungsinstitut Brenner-Archiv”<sup>20</sup>.

### 3. A reflexão teológico-pneumatológica de Ebner

Assim como Buber é por vezes referido como o “filósofo do encontro”, Ebner pode ser considerado o “filósofo da palavra”. Ele realiza uma fenomenologia da Palavra que nos fornece ricos elementos para uma reflexão teológica de caráter pneumatológico-existencial. Deste modo, é no campo da *espiritualidade* que sua contribuição se fará sentir com mais força.

O tema da vida exerce um papel central no pensamento de Ebner. Seu propósito não era o de ser um homem que somente pensa o mistério da vida, senão o homem que o vive em profundidade. Viver é mistério e precisa ser vivido como tal<sup>21</sup>. Trata-se de uma realidade primária, cuja expressão encontra maior clareza quando refletida não como *ser*, mas antes como *tornar-se*, como realidade dinâmica, criatividade, movimento<sup>22</sup>. A vida é força motriz em si mesma que, como um constante *vir-a-ser*, um *tornar-se*, não é primeiramente um problema ontológico, nem de teoria do conhecimento, mas sim um problema ético, relacional<sup>23</sup>. O *ser* jamais está no *tornar-se*.

O caminho que conduz Ebner à fonte inspiradora da compreensão profunda da vida e da realidade pneumatológica da existência tem início com a leitura do livro de Jakob Grimm<sup>24</sup> “Der Ursprung der Sprache” (a origem da linguagem) e culmina na leitura do Prólogo do Evangelho de São João<sup>25</sup>:

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Ela existia no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela,

<sup>20</sup> Textos e projetos de pesquisa acerca do pensamento ebneriano, bem como álbum de fotos, documentos e testemunhos acerca de sua vida encontram-se à disposição em: <http://www.ebner-gesellschaft.org/ueber-ebner/>, consultado em 15/11/2010.

<sup>21</sup> Cf. EBNER, *Schriften II*, p. 65: “Das Leben – das ist das große und tiefe Mysterium in uns selber”.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 112.

<sup>23</sup> A análise abrangente dessa concepção da anterioridade da ética frente à ontologia encontrar-se-á, mais tarde, no pensamento de Lévinas. Ver E. LÉVINAS, *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, La Haye: Nijhoff, 1974.

<sup>24</sup> J. GRIMM, *Ursprung der Sprache*: Aus den Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften, 1851 [Berlin, 4ª ed., 1866].

<sup>25</sup> “Jede wahre Pneumatology ist Sprachwissenschaft in tieferem Sinne, Wissen vom Wort, und eine Interpretation des Introitus zum Johannevangelium”. In EBNER, *Schriften II*, p. 249.

e sem ela nada foi feito de tudo o que existe. Nela estava a *vida* e a vida era a luz dos homens... (Jo 1,1ss).

O prólogo fala, pois, da origem de Jesus Cristo como a *Palavra*, na qual Deus desde o início da criação se revelou e que, na Encarnação, alcança sua mais profunda radicalidade, inteligibilidade e cumprimento. “A vida de Jesus é a revelação da *Palavra*”<sup>26</sup>, diz Ebner. A Palavra de Deus é a força criadora, através da qual tudo veio (respectivamente vem) à existência. A história da Palavra diferencia-se de todo discurso acerca da sabedoria na e da criação, pois a Palavra não é nenhuma criatura, mas trata-se antes da história do Filho unigênito com seu Pai, que desde o princípio estava com o Pai (Jo 1,2). A Palavra não somente dá vida, mas a contém em si. A relação entre Deus e a Palavra foi determinada desde a eternidade pelo amor do Pai para com o Filho. O princípio do Filho é o princípio de Deus, um princípio na eternidade, não no tempo, pois o evangelho de João, assim como o livro das origens “Gênesis”, começa com “no princípio”, significando “antes da criação”.

Assim como é inconcebível um Deus que não se diz, que não se expressa, que não se revela, também o é pensar a Palavra sem diferenciá-la de Deus mesmo. Por isso se diz primeiramente: ela estava “*junto de Deus*”, para depois dizer: “e a Palavra era Deus” (Jo 1,2-3). Somente Deus é o que chama a *ser* o que (ainda) não é. Somente porque a Palavra estava-com e era Deus é então possível falar de um Deus que se “falou”, que se revelou plenamente em Jesus. O sentido profundo da compreensão bíblica é o de que Deus é *Pessoa*.

Com isso é possível responder à crítica de que a *relação eu-tu* seria uma relação simétrica e bilateral sem espaço para a inclusão do diferente. Na sua origem espiritual em Deus, o ser humano não é “primeira”, mas “segunda” pessoa<sup>27</sup>. O *tu* da palavra criadora divina conserva sua prioridade “ontológica” absoluta. O chamado “terceiro” na relação é a própria relação, ou seja, é a Palavra mesma que revela o que há de “objetivo” no estar-em-relação de um Eu com um Tu. Somente assim é possível compreender, por exemplo, que a relação entre Deus Pai e o Filho não é unilateral e encerrada sobre si mesma, pois o Espírito Santo é a expressão “objetiva” dessa relação pessoal-dialogal existente. Daí que o fruto característico da experiência do Espírito Santo seja justamente o da abertura, saída de si, inclusão do diferente, e não o de fechar-se sobre si mesmo.

Porque na Palavra de Deus estava a *vida* dos homens (Jo 1,4), Jesus promete vida eterna a todos os que escutarem e acolherem a Palavra, ou seja,

<sup>26</sup> “Das Leben Jesu ist die Offenbarung des Wortes”. *Ibid.*, p. 468.

<sup>27</sup> “In der Geistigkeit seines Ursprungs in Gott war der Mensch nicht »erste«, sondern »zweite Person« – die erste war und ist Gott”. In EBNER, *Schriften I*, p. 97.



a todos os que crerem que Ele é o Filho enviado do Pai, a Palavra do Pai (cf. Jo 5,24). Tendo parte na vida originária de Deus, o ser humano recebe vitalidade, vivacidade (*Lebendigkeit*) e orientação de sentido, pois a Palavra “era a *Vida*, a *Luz* que vindo ao mundo a todos ilumina” (Jo 1,9). A Encarnação da Palavra eterna representa para João a compreensão central da fé, a saber, que o homem Jesus é o Filho de Deus que, como Luz, veio ao mundo para salvá-lo. Diz Ebner: “Do mistério do Espírito na Palavra vive o homem como homem. O Evangelho de João dá ainda um passo à frente, quando ensina: do mistério da Palavra vive o cristão; pois Cristo é o mistério da Palavra viva e sua Revelação”<sup>28</sup>.

Ora, Palavra como tal não existe fora de uma relação do tipo pessoal, ou melhor, ela é a própria relação. Para a reflexão de Ebner, o primeiro versículo do Prólogo de João se apresenta assim: no princípio era a *relação do Eu com o Tu* e a relação estava com Deus e Deus era a relação do Eu com o Tu<sup>29</sup>. A relação do Eu com o Tu era, pois, a característica essencial da Palavra. No começo da vida espiritual do ser humano está a Palavra, a que estava no princípio. O termo grego “*Logos*”, traduzido comumente pelo vocábulo “palavra” deve, para Ebner, ser entendido literalmente e não ser identificado exclusivamente com a vida espiritual do Jesus histórico, pois Deus cria o ser humano por meio da Palavra, e a verdadeira humanidade do ser humano será sempre criada e sustentada pela Palavra até o fim dos tempos. Na carta de Tiago encontramos: “De livre vontade ele nos gerou, pela Palavra da verdade, a fim de sermos como que as primícias de suas criaturas” (Tg 1,18).

Importante percebermos com Ebner que a Palavra está no princípio do Ser. Pela Palavra o Ser se torna (é). Também o homem foi criado pela Palavra, porém como criatura que porta a Palavra em si<sup>30</sup>. Por isso pode-se dizer que somos *templos do Espírito Santo* (cf. 1Cor 6,19), que abrigamos em nós o *sopro* (pneuma) divino vivificador (cf. Ef 2,22). Significa, pois, que o homem e a mulher trazem em si a possibilidade de entrar em relação com Deus. É a Palavra no ser humano, portanto, que o distingue de todas as demais criaturas, que lhe confere valor, dignidade<sup>31</sup>. Dizer que Deus criou o ser humano significa dizer que Ele lhe falou. Resgatar esse mistério da origem do existir humano é também perceber-se como aquele/aquela a quem foi dirigida a palavra para que realmente existisse como tal e, ao mesmo tempo, descobrir o viver humano como sendo resposta ou recusa a essa palavra: “... veio para o que era seu, mas os seus *não* o acolheram”

<sup>28</sup> “Vom Geheimnis des Geistes im Worte lebt der Mensch als Mensch. Das Johannesevangelium geht noch einen Schritt weiter, indem es lehrt: Vom Geheimnis im Worte lebt der Christ; denn Christus ist das Geheimnis des lebendigen Wortes und seine Offenbarung”. In EBNER, *Schriften II*, p. 263.

<sup>29</sup> Cf. EBNER, *Schriften I*, p. 963.

<sup>30</sup> “Und der Mensch hat Gott nicht in sich, wenn er nicht der »Täter des Wortes« ist, wenn er nicht die Liebe in sich hat”. In EBNER, *Schriften I*, p. 213.

<sup>31</sup> Cf. H. BRAUN, *Ferdinand Ebner: Ort in der Moderne*, Essen: Die Blaue Eule, 2000, p. 33.

(Jo 1,11), poderíamos dizer, “não o escutaram”, não se tornaram “filhos da luz”, filhos de Deus nascidos do alto, do Espírito (cf. Jo 3,3).

O conceito de “verdade”, igualmente central na filosofia, encontra estreita relação com a justa compreensão da “palavra”. A verdade está na Palavra<sup>32</sup>. Toda sentença pronunciada com sentido levanta, necessariamente, a pretensão de verdade, correção e veracidade. A Palavra, como linguagem, é *medium intransponível*, fora da qual não há verdade, nem falsidade, nem autocompreensão alguma<sup>33</sup>.

O viver é o próprio conteúdo, bem como a possibilidade, da consciência do Eu. Tal consciência não é um contínuo voltar-se a si mesmo, um “ensimesmamento”, mas principalmente saída-de-si, pois como ser-portador-da Palavra, o homem também traz constitutivamente a necessidade de “falar”, de comunicar-se, de expressar-se e, por isso, em sua vida, busca seu interlocutor originário, aquele que por primeiro lhe falou. Somente assim poderá ele compreender-se realmente. Deus é o Tu por excelência da vida do homem. Fora da viva relação com Deus *o espírito adoece*<sup>34</sup>. Com efeito, para Ebner existem somente duas realidades *espirituais* que se encontram sempre em relação: Eu e Tu.

A crítica de Ebner se estende à filosofia ocidental, especialmente ao idealismo, no sentido de que até então o Eu vinha sendo entendido sempre na referência exclusiva a si mesmo, como um pensar-se a si mesmo, no seu “autoisolamento” ou, na terminologia de Ebner, na sua “Icheinsamkeit”. A tentativa da filosofia do idealismo de salvar a existência do Eu falhou e deveria necessariamente falhar porque não se voltava ao Eu verdadeiro, mas sim a um Eu abstrato e irreal no pensamento e na especulação à semelhança do *Moi* de Pascal<sup>35</sup>. A existência verdadeira do Eu não se encontra na sua relação consigo mesmo, mas sim na sua relação para com o “Tu”, com o “Não-Eu”, sem o qual “Eu” na primeira pessoa do singular – e não “o” Eu (ideia) da terceira pessoa (ele) – absolutamente não existe<sup>36</sup>.

Não se trata, portanto, de absolutizar o Eu como no idealismo de Fichte<sup>37</sup>, ou de relativizá-lo totalmente, e sim de compreendê-lo na sua relação

<sup>32</sup> “Nicht die Wahrheit eines Gedankes muss geglaubt werden, sondern die Aussage des Gedankes, die *Wahrheit im Wort*”. In EBNER, *Schriften I*, p. 451.

<sup>33</sup> Ver F.J. HERRERO, “A pragmática transcendental como ‘filosofia primeira’”, *Síntese Nova Fase* 24 (1997/ n.79) 497-512, aqui p. 502.

<sup>34</sup> Ebner refere-se aqui ao conceito kierkegaardiano de “enfermidade para a morte” (*Krankheit zum Tod*) e o utiliza várias vezes como sinônimo de “Icheinsamkeit”, o encerramento do Eu sobre si, a solidão do Eu.

<sup>35</sup> Ebner utiliza muitas vezes a expressão “*Moi de Pascal*” para apontar o Eu não verdadeiro, que ele designa como “o caso oblíquo do Eu”: das *Mein-Mir-Mich*. Ver EBNER, *Schriften I*, p. 176.

<sup>36</sup> “Das Ich hat keine »absolute« Existenz, denn es existiert nur im Verhältnis zum Du”. In EBNER, *Schriften I*, p. 96.

<sup>37</sup> Ver J.G. FICHTE, *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*, Hamburg: Meiner, 1997, p. 16.

constitutiva com o Tu. O *encerramento* do Eu sobre si mesmo (Icheinsamkeit) não é, pois, algo originário no Eu, mas resultado de um ato *intelectivo* sobre si, e que, fechando sobre si, nega a realidade constitutivamente *pessoal* (espiritual) do “Tu”, transformando-o em *objeto*. Um pressuposto central da existência humana, portanto, é o de que ela é *espiritual*<sup>38</sup>, ou seja, a sua afirmação no mundo criado *objetivamente*, não se esgota no seu significado. Outro pressuposto que daí decorre é o de que o ser humano está sempre remetido a algo/alguém espiritual fora dele, através do qual e no qual ele (ser humano) existe. Nas palavras de Karl Rahner: “o homem experimenta-se como sujeito e pessoa à medida que se torna consciente de si como produto do que lhe é radicalmente estranho”<sup>39</sup>.

#### 4. Algumas implicações antropológico-teológicas

A antropologia teológica cristã mantém no centro de sua reflexão a concepção bíblica da criação do ser humano “à imagem e semelhança de Deus”. A criação surge da Palavra de Deus e o ser humano, colocado no centro dessa criação, surge do *sopro* divino vivificador e é portador do mesmo. É isso que torna o homem também criador, criatividade, autor da Palavra (não somente um ouvinte). À luz da fé cristã, entendemos a Palavra de Deus Encarnada em Jesus Cristo como realização plena da antropologia: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois é nele que foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, os seres visíveis e os invisíveis...” (Cl 1,15-16). Daí se segue que o cristão se compreende como criatura chamada a *conformar-se* ou *configurar-se* com Cristo, o ser humano plenamente realizado. Sendo Cristo, pois, a Palavra de Deus segue-se que é essa Palavra que aponta o caminho: “Nela [na Palavra] estava a vida e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,4). A Palavra (Cristo) se revela, pois, como caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,16).

A dimensão pneumatológica está na gênese da concepção protológica e escatológica. A fé se diz como credibilidade na Palavra de Deus que, como *promessa*, alimenta nossa *esperança* para o futuro da ressurreição e da reconciliação de toda criação com Deus, que “será tudo em todos” (1Cor 15,28) e que fará novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). Uma Teologia da Esperança, por exemplo, se entende como teologia da Palavra-Promessa de Deus que nos lança para frente, para o futuro, à medida que esperamos

<sup>38</sup> O *espiritual* no homem é entendido, por Ebner, como “o Eu”.

<sup>39</sup> K. RAHNER, *Grundkurs des Glaubens: Einführung in den Begriff des Christentums*, Herder: Freiburg / Basel / Wien, 1976, p. 40: “Der Mensch erfährt sich nämlich gerade als subjektive Person, insofern er sich selbst als das Produkt des ihm radikal Fremden vor sich bringt”.

confiantes, na fé, sua realização. Fora da relação com Deus não há promessa e, por conseguinte, não há esperança. Deste modo toda crise de esperança se assenta de algum modo no esquecimento da promessa que, por sua vez, remete ou a uma fé titubeante que desacreditou a promessa, ou a uma relação com Deus marcada pela superficialidade. De igual modo, a Teologia Fundamental, que deve dar “razões da nossa esperança” (1Pd 3,15), deverá partir sempre da Palavra de Deus criadora-salvífico-redentora revelada, sem perder, contudo, a estreita relação desta com o próprio ser humano.

A dimensão pneumatológica é, por excelência, o coração da espiritualidade. Nas palavras do apóstolo Paulo: “De fato, vós não recebestes espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes o Espírito que, por adoção, vos torna filhos, e no qual clamamos: Abbá Pai!” (Rm 8,15). Com efeito, oração é diálogo, é sintonia espiritual com Deus, e não a repetição mecânica de uma fórmula que decoramos e a pronunciamos na forma de monólogo. É o nosso ser-espiritual que se eleva em busca da “fonte” onde possa repousar e saciar a “sede”. Acerca desse “caminho para a fonte”, nos falaram os grandes místicos, em distintas épocas e de diferentes modos. Contudo, eles têm algo em comum, a saber, que esse caminho para Deus passa pelo amor e pelo serviço aos irmãos e irmãs. Deus colocou muitas pessoas na vida de cada um de nós, para que assim fosse mais fácil perceber sua ação silenciosa e sua presença discreta “entre nós”, nas nossas relações *dialógicas*.

Ferdinand Ebner chama nossa atenção para essa realidade *espiritual*, cujo movimento em nós tem o sentido de “de-dentro-para-fora”, como o pronunciar a Palavra *expirando* o ar, é abertura, dinamismo, descentralidade em relação a si mesmo. A enfermidade do espírito que conduz à morte é o encerramento sobre si, o distanciamento do Tu, a desobediência (no sentido próprio de não colocar-se à escuta da Palavra de Deus), enfim, é o que a tradição do Gênesis entendeu e expressou como *pecado*. Essa atitude, que Ebner denomina *Icheinsamkeit* (literalmente “solidão do Eu”), traz consigo, portanto, a “surdez” à palavra que me interpela e o consequente enrijecimento das relações interpessoais, resultando num individualismo egoísta, que esquece o próximo e a promessa e que, inevitavelmente, não encontrará no seu isolamento as forças de que precisa para superar os fracassos, lidar com o sofrimento, confrontar-se com a própria limitação e com a morte.

Mérito de Ebner e dos pensadores do diálogo foi o de nos alertar para o fato de que o pensamento, por um lado, expressa e deve expressar nossa situação existencial, e que a filosofia ocidental da Modernidade (de Descartes a Hegel), por outro lado, foi o reflexo do império do Eu que desabou por ter “edificado sobre a areia”, sobre a ideia que o Eu faz de si mesmo, do mundo e de Deus, e que, assim, transforma todo não-eu em mero conceito, objeto de reflexão.

Para o cultivo e aprofundamento da relação espiritual com Deus, sempre é importante levantarmos a questão se não estamos nos relacionando com a ideia que fazemos de Deus. Nesse caso, não nos percebemos como seres criados à imagem e semelhança de Deus, mas criamos um deus à nossa imagem e semelhança. Tendo presente a revelação cristã, é salutar para a fé, bem como para a vida de toda a Igreja, não esquecermos que o fato de Deus, em Jesus Cristo, ter-se tornado humano (*Menschwerdung Gottes*), não faz do ser humano um Deus (*Gottwerdung des Menschen*)<sup>40</sup>, mas antes aponta o caminho para Deus, por iniciativa do próprio Deus, através da sua Palavra dirigida a nós no e pelo Filho. A pneumatologia oferece, pois, os conceitos centrais para uma teologia da graça.

Deste modo, o mistério da Encarnação da Palavra de Deus revela o processo que vai da Palavra ao Ser, ou seja, da pneumatologia (Deus “fala”) à ontologia: “Então o Senhor Deus formou o ser humano com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas *o sopro da vida*, e ele tornou-se um ser vivente” (Gn 2,7), ou seja, *recebeu o espírito*. O mistério da ressurreição revela o caminho inverso: “E, inclinando a cabeça, *entregou o espírito*” (Jo 19,30). Enfim, o mistério da vida de Jesus Cristo revela que o caminho de Deus para o homem e do homem para Deus passa pela humanidade e envolve o ser humano, não parcial, mas totalmente, pois se trata da vida do homem e da mulher concretos. A vida humana é não somente racionalidade, mas é também impulso, afetividade, dinamicidade, diálogo, abertura, criatividade, enfim, a vida é o espelho do mistério que subjaz à sua origem.

**Luiz Carlos Sureki SJ** é sacerdote jesuíta, graduado em Filosofia (2003) e Teologia (2007) pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, MG), e Mestre em Teologia (2009) pela Leopold-Franz Universität Innsbruck (Áustria), onde atualmente prepara doutorado na área de Teologia Fundamental em torno à temática bíblico-teológica: “Hoffnung und Verheißung”.

**Endereço:** Sillgasse 6  
6020 Innsbruck – ÁUSTRIA  
e-mail: luizsureki@hotmail.com

<sup>40</sup> EBNER, *Schriften II*, p. 443.